



Uma nova abordagem para extensão agroecológica A new proposal for extension agroecological

SIQUEIRA, Edmar Ramos de¹; SIQUEIRA, Pedro Zucon Ramos²; SOUZA, Fernanda Amorim³; RABANAL, FERREIRA, Karoline Coelho⁴; Jorge Enrique Montalván⁵; FONTES, Marília Andrade⁶

¹Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, edmar.siqueira@embrapa.br;

²Centro de Formação e Assistência Comunitária, Poço Redondo, SE, pedrozucon@gmail.com;

³Embrapa Tabuleiros Costeiros, Aracaju, SE, fernanda.amorim@embrapa.br; ⁴Universidade federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, rabanal80@gmail.com.br; ⁵Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, karolinecoelho@ymail.com; ⁶Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, marília_fontes@yahoo.com.br

Resumo – A desarticulação e invisibilidade de relevantes experiências agroecológicas existentes em Sergipe e a sua desconexão com a extensão rural atuante motivou a realização desta pesquisa–ação. O trabalho teve por objetivo ajustar uma metodologia de construção do conhecimento agroecológico para identificar novas formas de realizar extensão rural agroecológica em territórios de identidade rural no Estado. Os resultados se materializaram na criação de três redes de construção do conhecimento, com a realização de 51 intercâmbios, no período de abril de 2012 a abril de 2015. A sistematização das experiências de transição agroecológica e a realização de intercâmbios de saberes, bem como a criação das redes e o ajuste das metodologias de construção do conhecimento, evidenciou um caminho seguro que indicou estratégias para a construção de uma forma pertinente de extensão rural agroecológica nestes espaços.

Palavras-chave: agricultura camponesa, territórios de identidade rural, Sergipe, Brasil

Abstract – The existing disarticulation and invisibility of relevant agroecological experiences in the state of Sergipe and its disconnection with active extension services motivated this action research. In this context, the study aimed to set agroecological knowledge construction methodology to identify new ways of doing agroecological extension in rural identity territories in the State. The results materialized in the creation of three networks of knowledge construction, with the completion of 51 exchanges in the period from April 2012 to April 2015. The systematization of agroecological transition experiences and the realization of knowledge exchanges and the creation of networks and the adjustment of construction methodologies of knowledge, showed a safe way that indicated strategies for the construction of a relevant form of extension agroecological in these spaces.

Keywords: peasant agriculture, rural identity territories, Sergipe, Brazil

Introdução

A política de territorialidade do Brasil, tendo como unidade de planejamento o território de identidade rural, foi instituída em espaços de renda deprimida tendo como pressuposto que a causa da depressão da renda era a falta de



agregação de valor às matérias primas e a destruição da base dos recursos naturais. Em uma leitura crítica, esta política aprofunda a aplicação da matriz capitalista mas, numa visão agroecológica, pode se constituir em oportunidade para um projeto estratégico com os valores camponeses (Siqueira et al., 2014).

Enquanto ramo de ciência, neste contexto, a agroecologia faz sentido quando se posiciona como uma ferramenta a serviço da agricultura camponesa. Seu propósito é viabilizar a construção de autonomia tecnológica para a produção do próprio alimento, fibra, energia e de insumos necessários ao processo produtivo e à geração de renda.

A desarticulação e invisibilidade de relevantes experiências agroecológicas existentes em Sergipe e a sua desconexão com a extensão rural atuante motivou a realização desta pesquisa–ação, que teve por objetivo ajustar uma metodologia de construção do conhecimento agroecológico para identificar uma nova forma de realizar extensão rural agroecológica.

A realização das ações resultou de uma parceria entre Colegiado Territorial, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA-SE), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Centro Comunitário de Formação Agropecuária Dom José Brandão de Castro (CFAC).

Material e Método

A pesquisa foi realizada no Território Sul Sergipano – TSS, que se localiza no bioma mata atlântica e, constituído por doze municípios: Arauá, Boquim, Estância, Cristinápolis, Indiaroba, Itabaianinha, Itaporanga D´Ájuda, Pedrinhas,



Salgado, Santa Luzia do Itanhi, Tomar do Geru e Umbaúba, tendo a citricultura como identidade, com conflitos territoriais na expansão da monocultura do eucalipto, excesso no uso de agrotóxicos e restrições no acesso extrativista a fontes de recursos naturais (Siqueira et al., 2014).

A dinâmica metodológica teve como base o ajuste da metodologia “Campefino a Campefino” – CaC (Holt-Gimenéz, 2008) e, consistiu das seguintes etapas:

1. Identificação de experiências camponesas de transição agroecológica;
2. Sistematização das experiências;
3. Realização dos intercâmbios de saberes;
4. Formação das redes “Camponês a Camponesa” – Redes “CaC”;
5. Devolução das informações para as Redes “CaC”;
6. Planejamento das etapas do novo ciclo de intercâmbios;
7. Sistematização dos intercâmbios;
8. Realização de novos ciclos de intercâmbios temáticos enfocando princípios agroecológicos identificados.

Para sistematização das experiências são realizadas visitas pré-intercâmbio (Siqueira et al., 2014). Construído o boletim da experiência sistematizada, realizam-se os intercâmbios entre famílias de uma mesma condição territorial. Inicia-se pela recepção de boas vindas, seguida de uma mística de integração, em uma roda de conversa, com a contextualização da dinâmica do dia. Na seqüência há construção de um conceito sobre agroecologia ou a retrospectiva do intercâmbio anterior. Na próxima etapa a família socializa sua história de vida, relatada no boletim e, realiza-se uma caminhada transversal (VERDEJO, 2007). Após a caminhada restabelece-se a roda de conversa para avaliar a experiência, que se realiza por meio das questões: o que tira? o que coloca e o que leva como conhecimento?

A devolução das informações acontece a cada dez intercâmbios realizados (Souza, 2014). O novo ciclo de intercâmbios é planejado de acordo com os princípios



agroecológicos identificados nas experiências e as demandas que surgem nas devoluções.

Para a sistematização dos intercâmbios consideram-se as avaliações por respostas a questões de uma matriz de sistematização, num cruzamento de percepções da família camponesa, dos parceiros e da Equipe executora, com os objetivos e a metodologia empregada na pesquisa-ação.

No ano de 2013 houve integração das ações da pesquisa com aquelas do Contrato 2000/2013, do INCRA/SE, do Programa de Assistência Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária – ATES, operacionalizado pelo CFAC. O propósito foi de iniciar as ações com a agroecologia, criando um Núcleo inicial no TSS e, nos anos subseqüentes nos demais territórios de Sergipe.

Resultados e Discussão

O processo de sistematização das experiências gerou 51 boletins evidenciando a existência de uma prática consistente de transição agroecológica no TSS. Foi possível construir um passo-a-passo para os intercâmbios de conhecimento (Siqueira et al., 2014). Foram articuladas três Redes “CaC”, denominadas de G1: Estância e Santa Luzia; G2: Arauá e Umbaúba e G3: Itaporanga D’Ájuda, com 24, 16 e 11 intercâmbios, respectivamente, realizados.

A devolução das informações propiciou a construção de uma metodologia eficiente para a sistematização da construção do conhecimento agroecológico em territórios de identidade rural em Sergipe (Siqueira et al., 2014). Os novos ciclos de intercâmbios, planejados conforme as demandas e os princípios agroecológicos identificados ficaram mais atraentes e objetivos na busca da inovação agroecológica.



A integração das ações com o Contrato da ATES, apesar do aporte de recursos estratégicos para o andamento das ações da pesquisa, provocou algumas dificuldades, inicialmente, pela fragmentação no planejamento e conflitos inerentes às contradições relacionadas ao *modus operandi* de uma assistência técnica convencional e a proposta de horizontalidade da metodologia “CaC”.

Considerações finais

Constatou-se a pertinência da metodologia CaC para a construção do conhecimento agroecológico em territórios de identidade rural. O ajuste de método evidenciou a percepção da pertinência da agroecologia como ferramenta da agricultura camponesa. Mas, as forças restritivas surgidas quando da integração da pesquisa com o contrato de ATES, apontam para uma cautela na adoção de uma ATES com base neste método. É importante uma operacionalização estratégica gradual para ampliar a percepção das equipes técnicas na compreensão da agroecologia neste contexto. Uma estratégia poderia ser similar ao do edital para gestão territorial, explicitada no âmbito da Chamada CNPq/MDA/SPM-PR-11/2014, que sinaliza uma abordagem científica sistêmica para a política de territorialidade, incorporando a experiência acumulada, desde o início desta política em 2003.

Referências bibliográficas

HOLT-GIMÉNEZ, E. **Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable.** Managua, 294 p. 2008.



SIQUEIRA, P.Z.R. de. **Ajuste da metodologia “Campesino s Campesino” em Sergipe, Brasil.** Cadernos de Agroecologia. 9(4): Nov. 2014.

SIQUEIRA, P. Z. R. de. **A roça do futuro: agroecologia e campesinato em assentamentos de reforma agrária no território sul de Sergipe.** 2014. 105f. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Sergipe. 2014.

SOUZA, F. A. **Aprendizado agroecológico na reforma agrária em Sergipe: práticas camponesas e interlocução com a ATER no Assentamento Paulo Freire II.** 2014. 122f. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Sergipe. 2014.

VERDEJO, M. E. Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP. Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA)/Secretaria da Agricultura Familiar, 62 p. 2007.